

Fodam- se

Consuelo de Castro
Dramaturga



O casal de mendigos vem subindo a ladeira da padaria. Bêbados, tropeçam nos trapos molambentos e deixam cair sacolas de plástico com restos de comida e sabe deus que mais. O padeiro salta a mureta da varanda e se posta diante deles implorando que não, hoje não, é feriado, o estabelecimento está cheio, vão pra praça, é só descer em frente. Mas eles se jogam com tudo naquele que há muito tempo ficou decidido como o seu devido lugar nessa hora da tarde e nesse dia da semana. Não dá pra saber se são mulatos ou se a cor vem da sujeira, das ruas, dos bueiros, do musgo dos caixotes de papelão.

O cabelo dela é uma coroa dura, pontiaguda e untuosa, da mesma cor do corpo. Ele, careca no miolo da cabeça, tem um rabo de cavalo amarrado na nuca. Habituéis e funcionários da padaria tentam negociar. Do lado de lá da varanda oferecem comida, grana, pinga, mas eles já se deitaram e se cobriram. Nuvens negras indicam tempestade. Luzes se acendem. As pessoas voltam às mesas. Uma babá com um carrinho de bebê contorna o casal apressada por causa da chuva iminente.

Do outro lado da rua, espero o sinal abrir e já ia parar de reparar neles como todo mundo, quando, pelo movimento dos panos, percebo que estão fodendo. O sinal abre e fecha e não consigo me mexer. Um freguês passa rumo à varanda. Discretos, os trapos paralisam. O freguês se aboleta em sua mesa e a foda recomeça, forte, cada vez mais forte e, de repente, fim, gozo, os panos esmorecem. Ela emerge com uma risada doida de felicidade. Ele, apenas sorrindo, pega seu rosto e o beija demoradamente. Ela chora. Pela primeira vez depois de tantos anos, vejo que tem olhos verdes, imensamente verdes no meio do rosto imundo. Relâmpagos, tempestade, o povo da varanda corre para o interior da padaria, a babá se enfia embaixo de um toldo e, em estado de graça, desisto de atravessar. A traparia murcha e se mistura ao betume.